



Data: 09.08.2019

Titulo: "O 'franchising' de programas não resulta"

Pub: **JE** O Jornal Económico

**SUPLEMENTO
ESPECIAL**



Tipo: Jornal Especializado Semanal

Secção: Nacional

Pág: 1;4;5



Área: 1568cm² / 63%

Tiragem: 20.000

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6561446

Data: 09.08.2019

Título: "O 'franchising' de programas não resulta"

Pub:

JE O Jornal Económico

**SUPLEMENTO
ESPECIAL**

QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Jornal Especializado Semanal

Secção: Nacional

Pág: 1;4;5



Margarida Gaspar de Matos, Professora da Faculdade de Motricidade Humana

“O ‘franchising’ de programas não resulta”

“The “franchising” of programmes doesn’t work”

Os programas das escolas não podem dissociar-se da realidade do país onde são aplicados. O que funciona na Finlândia ou na Austrália dificilmente resultará em Portugal. School programs cannot be dissociated from the reality of the country in which they are implemented. What works well in Finland or Australia is unlikely to work in Portugal.

Área: 1568cm² / 63%

FOTO Tiragem: 20.000

Cores: 4 Cores

ID: 6561446

**ALMERINDA ROMEIRA
E JOSÉ VARELA RODRIGUES**

aromeira@jornaleconomico.pt

Passaram 50 anos entre os bancos da escola de Coimbra e o estrado onde hoje leciona, na Faculdade de Motricidade Humana, e a pergunta subsiste: "A escola vai servir-me para quê?". Quem questiona é Margarida Gaspar de Matos, Psicóloga Clínica e da Saúde, Professora catedrática na área de Disciplinar de Educação da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa, em entrevista ao Educação Internacional.

Existe uma ideia errada do que é hoje a escola?

A escola não é um clube recreativo, é um local de trabalho. Mas isso não significa que se tenha apenas para pensar. Porque é que não é um sítio minimamente gratificante e por que razão não há-de ser interessante aprender!? A escola tem de ser o local onde vale a pena aprender. A questão é precisamente essa.

Então, a escola que temos hoje em dia serve para quê?

Esse é um problema com muitos anos. Não é de agora. Já no meu tempo de aluna – e eu tive a experiência de ter sido a melhor aluna do liceu – subsistia a pergunta 'isto vai servir-me para quê?'. O interessante eram as conversas com os amigos no intervalo, onde combinávamos o que íamos fazer à tarde e durante o fim de semana. Na substância, as coisas estão iguais. Mas, neste momento, a escola tem um trabalho acrescido. Na minha altura, em Coimbra, em 1968 ou 1969, quando a Escola Secundária D. Duarte abriu, as Escolas tinham uma elite no seio dos alunos, filhos da classe média e média-alta. Nas turmas havia cinco ou seis meninos com mais dificuldades económicas, que deviam ter sido identificados pelo professor do primeiro ciclo como alunos espetaculares – mas que, afinal, eram apenas mais espetaculares comparados com os colegas. Agora a escola tem de educar todos.

Quando a cultura da escola mudar era bom todos os anos haver um dia de debate em que, regularmente, a comunidade escolar reflectisse sobre os problemas da Escola. Por exemplo, de manhã um grupo de professores, à tarde um grupo de alunos debatessem, criassem uma dinâmica para dizer o que é que tem de mudar, o que está a ser bom, o que está a ser mau. No ano seguinte voltava-se a reunir para ver o que foi feito desde o ano anterior. Isto criaria uma rotina de colaboração.

Analisar para participar?

Os miúdos dizem das duas, uma: ou não são ouvidos ou não há uma logística que permita que o que dizem sirva para alguma coisa. É uma questão de interpretação e eficácia do que é dito. Por exemplo, alguém visita a escola e coloca-se um menino a falar – isso não é participação. A participação dos jovens nos problemas da escola tem de ser um processo que parta da organização dos próprios jovens para se ver o que sai dali. Tem de ser uma coisa genuína e que verdadeiramente se consiga apanhar qual é a ideia dos miúdos em relação às coisas. Essas ideias depois devem ser aproveitadas, porque é importante que eles sintam que as coisas acontecem.

Sugere que se dê mais voz aos alunos?

Imagine-se as escolas que têm problemas de bullying, problemas de obesidade ou violência, poderiam ter um comité de alunos com representantes de todos os anos, que reúna e proponha coisas que venham a ser discutidas com o diretor da escola. Há escolas que conseguem fazer isto. E se há quem o faça, é porque é possível. E se há uma escola que siga este modelo, porque é que o Ministério da Educação não pega na ideia e a generaliza?

Há modelos de referência dentro dessa dinâmica de dar espaço ao aluno para comunicar?

As coisas funcionam muito bem na Finlândia, Canadá e Austrália. Es-

tive na Austrália bastante tempo e tenho a noção de que a cultura desses países é diferente da portuguesa. Por vezes, o grande problema é que os programas não têm os mesmos resultados quando são replicados em Portugal ou noutros países, porque as realidades são distintas. Em suma, os programas das escolas não podem fugir à realidade do país.

O franchising de programas não resulta?

Devemos criar este tipo de programas ao nosso estilo. Sabemos fazer isso e temos muitas pessoas com vontade de o fazer, em Portugal, e com capacidade e boa relação com os miúdos. Mas estas coisas têm de ter princípio, meio e fim, e depois têm de ser sustentáveis. Temos 12 anos de ensino obrigatório, mas temos de o tornar num ensino de qualidade.

Como podemos tornar a Escola melhor?

Podemos analisar a Escola em função de vários componentes críticos. Começamos logo pelo que é uma escola: um espaço físico que tem os 'senhores alunos', os 'senhores professores' e a 'senhora matéria'. E depois a escola insere-se numa comunidade – como diz o professor Carlos Caldeira, cada aluno traz atrás de si toda a sua família e comunidade.

Não podemos mudar o destino social das pessoas, mas podemos tentar ver até que ponto podemos tirar o máximo daquilo que temos. O que podemos fazer é pensar numa metodologia de abordagem e tentar que seja seguida pelas escolas, cada uma à sua maneira. E depois que se partilhem estudos de casos do que foi feito em cada uma delas. Mas qualquer que seja o cenário, o espaço físico da escola é uma coisa que deve ser preservada. Deve ser incutido aos alunos o cuidar da sua escola, o que por vezes não acontece, seja numa escola urbana, seja numa escola de província.

Há uma cultura de ensino em Portugal?

Há muitas, porque cada escola é

uma cultura. Uma coisa é a cultura das pessoas: os nórdicos são diferentes... Cada escola reflete a cultura da zona e isso não é mau. Há uma estrutura para trabalhar, há que ver qual é a sua identidade. Os nossos miúdos muitas vezes são pouco responsabilizados pelas coisas e essa cultura de desresponsabilização não é boa para ninguém.

Acha que se deve responsabilizar os alunos?

Sim, mas uma responsabilização ligada à autonomia. Protegemos muito os mais novos e depois não os responsabilizamos. Temos que dar autonomia, mas depois devemos exigir responsabilidades.

Mas há escolas com uma boa cultura e resultados...

Sim, e isso acontece quando há um diretor que quer construir algo e que conta com o apoio de alguns professores que galvanizam os alunos. E estes acabam por crescer à volta deles. No entanto, esses professores têm de começar a ser reconhecidos e valorizados, caso contrário irão desistir. Porquê? Os professores estão cansados de não serem reconhecidos. ●

Fifty years have passed since the time when Margarida sat on the school benches of the in Coimbra, and nowadays that she teaches at the Faculty of Human Motor Skills, but the question remains the same: "What will school help me in?" Margarida Gaspar de Matos, professor at the University of Lisbon, poses this same question in an interview with International Education.

Is there a misconception of what school is today?

School is not a recreation club. It is a workplace. But that does not mean that one has to suffer. Why isn't it a rewarding place and why shouldn't it be interesting to learn? That is the question.

So what is the school we have today for?

This has been a problem for many years; it is not new. Back in my days as a student - and I had the experience of being the best student in high school - the question 'how will this help me?' was al-

ready asked on a daily basis. The most interesting thing was the conversations with friends during the breaks, where we agreed what we were going to do in the afternoon and during the weekend. In essence, things are still the same. But now, the school has another job. Back then in Coimbra, in 1968 or 1969, when the D. Duarte Secondary School opened, it had an elite among the students: children of the middle and upper-middle class. There were five or six more economically struggling boys in the class, who must have been identified by the first-grade teacher as spectacular pupils - but who were, after all, just more spectacular compared to their peers. Now the school has to educate everyone.

When school culture eventually changes, it will be great to have a day of debate every year, where the school community regularly reflects on the problems of the school. For example, in the morning a group of teachers, and in the afternoon a group of students, who would debate and create a dynamic environment to say what needs to change, what they're doing well, what they're doing wrong. The following year they would meet again to see what had been done since the previous meeting. This would create a collaboration routine.

Analyse to participate?

The kids say one of two things: either they are not heard or there are no systems in place that allow those that do hear to take action. It is a matter of interpretation and effectiveness of what is said. For example, someone visits the school and we get some boy to talk - this is not participation. The participation of youth in the discussion of school problems has to be a process that begins with the youth organizing themselves to see what results from that organization. It has to be a genuine thing and one needs to truly get the children's views on many subjects. These ideas should later be studied and perhaps implemented, because it is important for

them to feel that something is happening.

Do you suggest giving students more power?

Think about the schools that have bullying problems, obesity problems, or violence. These schools could have a student committee with representatives of each grade that would gather and propose things to discuss with the school principal. There are schools that already do this. And if there are those who do, it is because it is possible. And if there is a school that follows this model, why doesn't the Ministry of Education adopt this idea?

Are there reference models on this dynamic of giving the students space to communicate?

Things work very well in Finland, Canada, and Australia. I was in Australia for a long time and I have the perception that the culture of these countries is different from the Portuguese. Sometimes the big problem is that programs do not have the same results when they are replicated in Portugal or elsewhere, because the realities are different.

Does "program franchising" work?

We must create such programs in our own style. We know how to do this and we have a lot of people who want to do it in Portugal, with the right capacity and good relationships with the children. But these things must have a beginning, middle and end, and then they must be sustainable. We have 12 years of compulsory education, but we have to make it a qualitative education.

How can we make the school better?

We can analyse the School through several critical components. We begin right away with what is a school: a physical space that has the 'students', the 'teachers' and 'the subjects'. And then the school is part of a community - as Professor Carlos Caldeira Cabral says, each student brings his whole family and so on. We cannot change people's social background, but we can try to see how we can make the most of what



Data: 09.08.2019

Titulo: "O 'franchising' de programas não resulta"

Pub:



SUPLEMENTO
ESPECIAL



Tipo: Jornal Especializado Semanal

Secção: Nacional

Pág: 1;4;5

we have. What we can do is think of a methodology of approach that schools can try to follow, each school in its own way. And then share case studies of what was done in each of them. But whatever the scenario, the physical space of the school is something that must be preserved. Students should be instructed to look after their school, which sometimes does not happen, either in urban schools or in rural schools.

Is there a teaching culture in Portugal?

There are many teaching cultures in Portugal because every school has a different culture. Each school reflects the culture of the area where it is located and this is not a bad thing. There is a structure to work with. You have to see what your identity is. Our kids are often not held responsible for things they do, and this culture of unaccountability isn't good for anyone.

Do you think students should be held responsible?

Yes, but accountability linked to autonomy. We protect the youngsters too much and then do not hold them responsible. We have to give autonomy, but then we must demand responsibility.

But there are schools with good culture and results...

Yes, and that happens when there is a principal who wants to build something and who has the support of some teachers who motivate students. And these eventually grow up like them. However, these teachers must start to be recognized and valued, otherwise they will give up. Why? Because teachers are tired of not being recognized. ●



Área: 1568cm² / 63%

Tiragem: 20.000

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6561446